



A jornada do sionismo: do judaísmo ao evangélico brasileiro

The journey of zionism: from judaism to brazilian evangelicalism

Letícia dos Santos Calheiros¹

Paulo Fernando Carneiro de Andrade²

Resumo: Este artigo analisa a jornada histórica do sionismo, desde seu surgimento como resposta ao antissemitismo na Europa até sua assimilação pelo neopentecostalismo brasileiro. O objetivo central é mapear como essa ideologia, originalmente um movimento nacional judaico, transformou-se em uma das vias de conexão entre evangélicos brasileiros e o judaísmo, com ênfase na distinção entre sionismo político (apoio ao Estado de Israel moderno) e filosemitismo (valorização simbólica do judaísmo bíblico). A pesquisa demonstra que a chegada do sionismo ao Brasil seguiu o padrão de influência estadunidense já observado na introdução do protestantismo histórico no país, mas com uma particularidade: enquanto nos EUA o sionismo cristão assume caráter político ativo, no Brasil predomina uma relação ritualística e identitária com elementos judaicos, podendo apontar para um engajamento direto nas questões geopolíticas de Israel. Metodologicamente, o estudo baseia-se em levantamento bibliográfico de teses, livros e pesquisas acadêmicas que abordam o tema sob perspectivas históricas, teológicas e sociológicas. Os resultados apontam para uma apropriação predominantemente cultural e religiosa dos símbolos judaicos pelo evangelicalismo brasileiro, com pouca correlação com o judaísmo contemporâneo.

Palavras-chave: Dispensacionalismo. Sionismo. Evangélico. Israel. Igreja.

Abstract: This article analyzes the historical journey of Zionism, from its emergence as a response to antisemitism in Europe to its assimilation into Brazilian neo-Pentecostalism. The central objective is to map how this ideology, originally a national Jewish movement, became one of the connecting channels between Brazilian evangelicals and Judaism, with an emphasis on the distinction between political Zionism (support for the modern State of Israel) and philosemitism (symbolic valorization of biblical Judaism). The research demonstrates that the arrival of Zionism in Brazil followed the pattern of American influence already observed in the introduction of historical Protestantism into the country, but with one particularity: while in the US, Christian Zionism assumes an active political character, in Brazil, a ritualistic and identity-based relationship with Jewish elements predominates, with a possible direct engagement with Israel's geopolitical issues. Methodologically, the study is based on a bibliographic survey of theses, books, and academic research that address the topic from historical, theological, and sociological perspectives. The results point to a predominantly cultural and religious appropriation of Jewish symbols by Brazilian evangelicalism, with little correlation with contemporary Judaism.

Keywords: Zionism. Dispensationalism. Evangelicals. Church. Israel

¹ Mestranda em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Leticia.calheiros15@gmail.com; <https://lattes.cnpq.br/9307562482892939>; <https://orcid.org/0009-0007-2811-1203>

² Doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. paulof@puc-rio.br; <http://lattes.cnpq.br/9266153829970164>;



Introdução

O apoio de muitos evangélicos brasileiros ao Estado de Israel tem despertado crescente atenção acadêmica e social, sobretudo pelo modo como essa aliança religiosa se expressa em símbolos, rituais e discursos políticos. O fenômeno não se limita a uma afinidade teológica ou escatológica: ele é fruto de uma longa jornada histórica e cultural, atravessada por migrações, perseguições, reformas religiosas, guerras e reconfigurações identitárias. Este artigo parte da seguinte questão: como o sionismo, originalmente uma ideologia política judaica nascida em resposta ao antissemitismo europeu, foi reinterpretado, adotado e ressignificado por setores do evangelicalismo brasileiro, especialmente no campo neopentecostal?

Para responder a essa pergunta, percorremos a trajetória do sionismo desde suas raízes no século XIX, passando pela sua articulação com o protestantismo norte-americano por meio do dispensacionalismo, até chegar ao contexto evangélico brasileiro, onde adquire contornos próprios. Enquanto nos Estados Unidos o sionismo cristão é fortemente marcado por agendas escatológicas e políticas, no Brasil ele assume formas híbridas, conjugando elementos da teologia da prosperidade, do ritualismo judaizante e de uma estética filossemita que muitas vezes opera à margem do judaísmo contemporâneo.

A presente análise combina abordagens históricas, teológicas e sociológicas para compreender como símbolos judaicos são apropriados cultural e religiosamente por lideranças evangélicas brasileiras e suas comunidades. Ao explorar essas conexões, o texto lança luz sobre os sentidos atribuídos a Israel no imaginário protestante nacional e os modos como essa identificação impacta não apenas práticas de fé, mas também posicionamentos políticos e disputas simbólicas no espaço público brasileiro.

1. Antissemitismos e as origens do sionismo

Em conformidade com Heinke, podemos expressar que o sionismo é um movimento nacionalista judeu que busca retorno à Palestina e o retorno de sua soberania em forma de Estado.³ Contudo, a necessidade deste retorno carrega em sua história uma

³ REINKE, André. *Paixão por Israel: Aspectos da Judeofilia no protestantismo brasileiro e seus reflexos no cotidiano religioso do Brasil*. Tese (doutorado em Teologia) 2022. Faculdade EST, São Leopoldo. p. 25



longa batalha contra aversões aos judeus e a construção da ideologia política antissemita, enfrentados por esse povo em sua jornada, desde a era romana até o totalitarismo nazista, o mais conhecido e disseminado massacre contra um povo. Conforme o Vieira (2019), no século II d.C, foi promovido pelo imperador romano Adriano a expulsão de milhares de judeus, que sobreviveram ao massacre que acometeu numerosos de seu povo, após sua derrota no que ficou conhecido como Revolta de Barcoquebas. A diáspora fruto dessa expulsão forçada intensificou a migração dos judeus para diversas partes da Europa, naquela época ainda muito dominada pelos próprios romanos, especialmente para as áreas mais orientais e centrais do continente⁴ O autor Shlomo Sand complementa que depois da Revolta de Barcoquebas (Bar Kokhba), aqueles que eram circuncidados foram expulsos de Jerusalém. A questão da expulsão dos Judeus de Jerusalém, contudo, é um assunto deveras complexo e não será aprofundado neste artigo⁵.

Conforme Vieira (2019), a partir do século III, o império romano encara seu enfraquecimento. Após a morte de seu imperador Cômodo, impossibilitada de administrar bem seu largo e múltiplo território, desponta o que é chamado de anarquia militar, batalhas entre generais romanos para obtenção do poder central. Contudo, batalhas constantes e volatilidade política levam Roma a crises econômicas e sociais, diversas invasões territoriais por parte de diferentes povos. Parte da população mais pobre do Império, que obrigatoriamente se estabeleceu servilmente nos campos, passou fome e enfrentou surtos epidêmicos, intensificando a busca por alguma esperança, proporcionada pela religião. Seria o cristianismo essa nova fé, que no século IV foi empregada e usufruída pelo imperador, que concede liberdade aos cultos cristãos através do Editto de Milão em 313 d.C. Ao fim deste mesmo século, o imperador Teodósio oficializou o cristianismo enquanto credo romano, tornando-se hierarquizado, dotado de normas iniciais de funcionamento, subordinando-o ao Estado. Dessa forma, o cristianismo se rearranja no centro de Roma de maneira mais institucionalizada⁶.

⁴ VIEIRA, Fábio. *O antissemitismo em uma breve perspectiva histórica: de Roma ao nazismo*. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, nov. 2019. ISSN: 1982-3053. P. 1-2

⁵ SAND, Shlomo. *A Invenção do Povo Judeu*. Tradução Eveline Bouteiller. São Paulo: Benvirá, 2011. P. 323.

⁶ VIEIRA, Fábio. *O antissemitismo em uma breve perspectiva histórica: de Roma ao nazismo*. 2019. P. 2-3



Conforme Vieira (2019), embora o cristianismo seja oriundo do judaísmo, a convivência pacífica entre as duas religiões, durante um longo período, foi bastante difícil e inviabilizada, na medida em que o preconceito entre elas foi acentuado e sistematizado. É importante ressaltar que a situação nos dias atuais é completamente diferente. Foi justamente entre as diversas interpretações sobre Jesus e seus ensinamentos em face às questões políticas e sociais das comunidades envolvidas, que surge a teoria da traição dos judeus a Jesus Cristo. Conforme o autor, ela foi muito mal interpretada por parte significativa dos cristãos, principalmente nos primeiros séculos de instaurada a religião, contribuindo bastante para o antissemitismo. Vieira nos dirá que passagens bíblicas específicas, como Mateus 27:24 e 25, podem corroborar para firmar a ideia apontada, isto é, a da traição dos Judeus. Na passagem é retratada a condenação de Jesus à morte, e os questionamentos do imperador Pôncio Pilatos ao povo sobre qual Jesus deveria ser livrado da condenação. O povo clama a morte do Jesus, chamado Cristo. Pilatos então lava suas mãos e diz ser inocente da morte do Cristo e ouviu da parte dos judeus que formavam uma forte multidão dizendo “caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos”⁷.

Em conformidade com Vieira (2019), pelo princípio da negação da divindade de Jesus, os judeus foram tomados por serem pessoas más ou indignas de confiança. A partir disso, outros vários atributos ruins foram conferidos a eles ao longo da história, somados e intensificados até o nazismo. Associado aos elementos religiosos, somam-se as atividades econômicas praticadas pelos judeus e seus esforços para se manterem uma nação sem-terra a partir de outros lugares em que habitavam, ratificando suas diferenças dos cristãos⁸. Hannah Arendt dirá que o antissemitismo moderno, aquele que foi visto na Europa central e oriental, tinha em sua matriz justificativas políticas e não econômicas, isto é, quando os interesses judaicos colidiram com as elites no poder. A autora defende que o antissemitismo alcançou o seu ápice quando os judeus perderam justamente posições de poder, influência e as funções públicas, restando-lhes apenas suas riquezas. Arendt diz que a riqueza injustificada gera furor no povo, passam a ser considerados parasitas. A riqueza que não gera nada, passa a não fazer mais sentido⁹.

⁷ Idem. P. 3-4

⁸ Idem. P. 3-5

⁹ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. Companhia de Bolso. 2013. P. 36, 16.



Segundo Sand¹⁰, podemos situar os primórdios do pensamento sionista na segunda parte do século XIX, na Europa Central e Oriental. Esse pensamento se desenvolveu tomando por base a ideia nacional alemã, se inserindo “na última leva do despertar das nacionalidades na Europa e surgiu paralelamente à ascensão das outras ideologias indenitárias da região” (Sand, 2008, p. 256). Ao longo das sociedades por onde os judeus se instalaram e desenvolveram suas vidas, eles não se isolaram, mas assimilaram as culturas dos respectivos países no qual se estabeleceram, sendo este movimento necessário para garantir a manutenção da própria identidade cultural e religiosa judaica. Vieira dirá que Theodor Herzl, um dos maiores nomes do sionismo, inicialmente acreditou que tal assimilação às sociedades seria um caminho no qual paulatinamente diminuiria o antissemitismo histórico, contudo, após a injustiça que acometeu o franco-judeu Dreyfus, em 1894 na França, percebeu que a plena integração dos judeus às sociedades as quais viviam não seria suficiente para acabar com o preconceito vivenciado¹¹.

O oficial judeu pertencia à nação francesa ou era representante de um povo estrangeiro vindo do leste, que havia secretamente se infiltrado no corpo da nação? A França não tinha de permanecer fundamentalmente cristã para salvaguardar sua grandeza? A verdadeira razão do apoio “antipatriota” de Zola ao capitão judeu “traidor” não residia em sua origem italiana? Essas interrogações e tantas outras proliferaram no âmbito da paisagem nacional francesa e constituíram uma parte importante dos elementos da vibrante polêmica que animou o cenário público no período do “Caso Dreyfus”. (Sand, 2008, p. 258)

Segundo Vieira (2019), Herzl cooperou significativamente para a realização do *Primeiro Congresso Sionista* realizado na Suíça, em 1897. É nesta circunstância que o chamado *Protocolo dos sábios de Sião* foi idealizado posteriormente pelos adversários dos judeus. Esse protocolo é um texto fraudulento que tem por intenção propagar um plano secreto elaborado por líderes judeus para controlar governos, economias e a imprensa, ou seja, os judeus estariam visando a dominação mundial. Uma das teorias para o surgimento dessa ideia antissemita é que o aristocrata russo que serviu a Okhrana¹², chamado Mathieu Golovinski, teria criado essa conspiração por volta de 1898. Este documento foi apresentado ao Czar Nicolau II da Rússia, que publicou os protocolos em

¹⁰ SAND, Shlomo. *A invenção do povo Judeu*. Benvirá, Tel-Aviv, 2008.

¹¹ VIEIRA, Fábio. *O antissemitismo em uma breve perspectiva histórica: de Roma ao nazismo*. 2019. P. 6-7.

¹² Polícia política czarista.



1905 em sua forma integral. O antissemitismo na Rússia não inicia neste momento, na realidade é muito mais antigo e cruel dentre todos os impérios europeus até então. Conforme o autor, o território Russo concentrou em suas extensões a maior parte da população judaica na Europa, que recebeu muitos imigrantes refugiados da Turquia (Ararate no século XIII), vítimas do expansionismo violento dos mongóis. O império russo, temendo a ampliação e a influência estrangeira em suas terras, assim como sofrendo pressões do cristianismo ortodoxo, criou as chamadas “zonas de residência”, que serviam para restringir os judeus a territórios delimitados dentro da dominação russa¹³.

Vieira (2019) nos aponta para outra manifestação antissemita russa muito popular diz respeito aos pogroms no final do século XIX. Esse evento se deu após o assassinato do Czar Alexander II, em 1881. As investigações do crime apontaram para o envolvimento de um judeu nos acontecimentos, fato esse que contribuiu para despontar diversos e sucessivos ataques violentos (pogroms) aos russos de origem judaica. Os ataques foram negligenciados pelas autoridades russas, sucedendo em migrações judaicas em massa para fora do território russo, cerca de 2 milhões de um total de 5 milhões¹⁴.

Entre 1880 e 1914, por volta de 2 milhões e meio de judeus de língua iídiche refluíram para países ocidentais passando pela Alemanha e parte deles chegou até as margens da terra prometida do continente americano (menos de três por cento dos judeus escolheram emigrar para a Palestina otomana, a qual, em sua maioria, abandonaram em seguida). (Sand, 2008, p. 257)

Dentre os judeus que ficaram nas terras russas, muitos passaram a fazer parte de movimento de derrubada do czarismo, se opondo também ao patriarcalismo cristão ortodoxo. Em 1917, ocorre a Revolução Russa, que foi o que levou à queda do Império Russo e ao estabelecimento do regime bolchevique. Para muitos russos de origem judaica esse ato representou sua sobrevivência contra o antissemitismo secular, que a esta altura já havia alcançado toda a Europa por conta dos *Protocolos dos sábios de Sião*¹⁵. Conforme o Budnitskii (2001), sobre o período da Guerra Civil Russa (1918-20) os judeus russos sofreram incomparável tragédia, apontado que o período mais cruel tenha ocorrido entre 1919 e 20, pelo grupo pogroms mais cruel chamado “exército branco”. Seus

¹³ Idem. P. 7-8

¹⁴ Idem. P. 8-9

¹⁵ Idem. P. 9



argumentos baseavam-se na associação entre os judeus e ideologias comunistas, assim como o envolvimento deles com o Bolchevismo. O autor, contudo, disserta que os ataques aos judeus, não estavam propriamente ligados à sua conexão com ideologias comunistas e que essas explicações não eram suficientes para explicar o ódio direcionado. Ocorre que o Regime Bolchevista era apoiado em sua maioria por russos, mas a violência extrema foi direcionada aos judeus¹⁶.

De acordo com Vieira (2019), na Alemanha, por volta de 1920, esses Protocolos chegaram às mãos de Adolf Hitler. Neste momento, ele buscava se consolidar no partido Nazista como líder, carregando e disseminando o discurso nacionalista e antissemita. O cenário alemão favoreceu o ótimo acolhimento que o líder nazista recebera na época. Eles foram derrotados na Primeira Guerra Mundial e por conta do Tratado de Versalhes de 1919, receberam duras penas, tanto politicamente quanto economicamente. A derrota alemã para seu próprio povo foi incompreensível, abalando seu ego nacionalista, tendo por resultado parte significativa dos operários abraçando ideias marxistas e outra parcela se inclinando para a manutenção do capitalismo. Hitler percebeu que o discurso de ódio e preconceito a um inimigo que pudesse ser aceito pela maioria resultaria em não somente encontrar um culpado para as tragédias que assolavam a Alemanha, mas também favoreceria o patriotismo exacerbado, sobre o qual triunfou o totalitarismo¹⁷.

Historicamente, os judeus alemães foram vitimados pelo preconceito, e como era de se esperar, até mesmo pelos cristãos luteranos, nas palavras de Vieira (2019, p. 10): "...como sugere o texto de Martinho Lutero intitulado 'Sobre os Judeus e Suas Mentiras', publicado em 1543 no outrora Sacro Império Romano Germânico". Outros argumentos que foram apoderados pelos nazistas para disseminação do seu ódio antissemita estão relacionadas as teorias raciais e a questão do imperialismo, termo esse que tem origem no século XIX, em um momento em que as burguesias visavam assegurar suas necessidades de crescimento industrial e econômica, através de um processo expansionista que acarretou diversas guerras. O autor dirá que o que ocorre com a problemática das teorias raciais é que a vitória obtida nas batalhas passa a ser condicionada também pela sua genética e não somente por sua capacidade estratégica, bélica, política e econômica. Em

¹⁶ Budnitskii, Oleg. "Jews, Pogroms, and the White Movement: A Historiographical Critique." *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*, vol. 2 no. 4, 2001, p. 1-23. *Project MUSE*, <https://dx.doi.org/10.1353/kri.2008.0017>.

¹⁷ VIEIRA, Fábio. *O antissemitismo em uma breve perspectiva histórica: de Roma ao nazismo*. 2019. P.10



outros termos, a superioridade genética de uma nação é avaliada e determinada através da dominação sobre outros povos pela expansão do seu Estado, enquanto aos mais fracos geneticamente restava exatamente o oposto, no caso dos judeus, eram incapazes de até mesmo constituir um Estado nacional próprio¹⁸.

A miscigenação dos alemães com os judeus começa a ser associada com a manutenção do vigor alemão, de sua própria sobrevivência como nação. Nas palavras do próprio Hitler sobre nação e raça, em seu livro *Mein Kampf*, é exposto o seguinte:

[...] o germano do continente americano elevou-se até a dominação deste, por se ter conservado mais puro e sem mistura; ali continuará a imperar, enquanto não se deixar vitimar pelo pecado da mistura do sangue. Em poucas palavras, o resultado do cruzamento de raças é, portanto, sempre o seguinte: a) Rebaixamento do n. 1 da raça mais forte; b) Regresso físico e intelectual e, com isso, o começo de uma enfermidade, [...] Provocar semelhante coisa não passa então de um atentado à vontade do Criador, o castigo também corresponde ao pecado. (Hitler, P. 271)¹⁹

Hannah Arendt (1994, p.176) provoca dizendo que “apenas quando o fascismo é compreendido como um movimento anti-nacional e internacional, se torna claro porquê os nazistas, com uma frieza inigualável, não se deixando distrair pelo sentimento humano nacional ou pelos escrúpulos humanos, quanto ao bem estar de seu próprio povo, permite que sua terra se torne num matadouro”²⁰. Ou seja, o fascismo e o nazismo por sua vez, foram movimentos que ultrapassaram a ideia de nacionalismo, visto que sacrificaram o bem-estar de seu próprio povo em prol de um projeto de dominação ideológica. Priorizaram o poder e a manutenção do mesmo em detrimento do sofrimento e destruição de sua própria nação.

2. Sionismo judaico e apoio imperial

Em concordância com a historiadora Liora Halperin (2015), o sionismo emergiu como uma mistura de uma forma particular de nacionalismo. O iluminismo introduziu uma crença na cidadania e em direitos individuais, levantando possibilidades de que os judeus pudessem integrar-se culturalmente em outras nações que não a sua. Essa

¹⁸ Idem. P.11

¹⁹ HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. Disponível em: <https://www.inlivros.net>. Acesso em: 6 de nov. 2024.

²⁰ ARENDT, Hannah. *Essays in Understanding 1930-1954 Formation, Exile and Totalitarianism*. 1st ed. New York: Harcourt, Brace & Co. 1994. Livre Tradução, p. 176.



integração seria uma forma de combate ao antissemitismo sofrido por eles, contudo, muitos judeus seculares, dentre eles o maior representante do sionismo, Theodor Herzl, acusou a impossibilidade dessa integração, tornando essa conclusão mais forte logo após o ocorrido com Alfred Dreyfus, como já foi anteriormente discorrido. Halperin (2015) aponta que o movimento sionista de retorno acontece com a primeira *Aliyah*, que é a primeira onda de imigração, emergindo na Europa Oriental, em 1882. Foram enviados pequenos grupos de judeus para as regiões da Galileia e de Jaffa (Israel) para que lá terras fossem adquiridas. Esse pequeno grupo, mal administrado, recebia suporte financeiro dos judeus das regiões centrais e ocidentais da Europa, eles eram uma força essencial para a manutenção de seu povo na Palestina. A autora (2015) expressa que por volta de 1903, contudo, as tensões e violências do Império Russo permaneceram uma constante (Pogroms, como citado anteriormente), gerando novas ondas de imigração judaica para a Palestina. Cerca de 10 anos antes da Primeira Guerra Mundial eclodir, o grupo chamado *Second Aliyah*, ou seja, a segunda onda de imigração, chegaram às terras palestinas objetivando encontrar as colônias de plantação de seus predecessores. Convencidos de que a contratação de nativos árabes em suas terras faria com que fossem vistos como exploradores, eles pressionaram para que fossem separadas as economias agrícolas dos judeus e árabes, fundando assim suas próprias cooperativas agrícolas (*Kibbutzim*)²¹.

Segundo Halperin (2015) a segunda e a terceira onda de imigração (*Aliyat*) eram formadas por sionistas fortemente influenciados pela ideia de identidade nacional, e que essa, por sua vez, tinha suas raízes na língua hebraica. Os judeus que trouxeram esse foco da cultura e literatura para o sionismo foram os mesmos que já promoviam a utilização dessas ferramentas em hebraico anteriormente no império Russo. Um grupo de judeus da Europa oriental trabalhou em terras palestinas para promover o hebraico como língua nacional, isso porque o hebraico é a língua original das escrituras e também do período da autonomia judaica na antiga Terra Santa. Ela era utilizada principalmente em contextos religiosos, mas foi se tornando a língua da literatura moderna e o idioma falado na região. Esses sionistas viram no hebraico uma forma de trazer de volta a essência da existência nacional judaica. Halperin (2015) dirá que no início do século XX, os defensores do hebraico criaram instituições para cunhar novas palavras, construíram um sistema escolar

²¹ HALPERIN, Liora. *Origins and Evolution of Zionism*. Foreign Policy Research Institute. Philadelphia, PA. January, 2015. P. 2-3



completo de língua hebraica, convocaram performances culturais judaicas, traduziram obras clássicas da literatura europeia para o hebraico, e cada vez mais, pressionaram os novos imigrantes para deixar sua língua materna e adotarem o hebraico. Eventualmente, os imigrantes da terceira onda, diferentemente dos judeus pré-sionistas que já habitavam na Palestina, foram criando uma hegemonia política e cultural ao redor da ideia de trabalho e economia de mercado, e claro, ao redor do Hebraico como símbolo nacional²². A autora Halperin (2015) traz o parecer que é possível falarmos sobre Sionismo como um processo de desenvolvimento ideológico e cultural entre os judeus europeus na Europa e Palestina sem mencionarmos os nativos palestinos. Essa era a mentalidade da maioria dos primeiros sionistas, que estavam muito mais preocupados com os reais desafios que a Europa os apresentava e com o desenvolvimento de sua cultura interna do que com algum possível conflito na Palestina.

O sionismo, contudo, estava para além de apenas uma iniciativa judaica. O seu crescimento migratório e de expansão da compra de terras passaram a levantar grande suspeita e resistência por parte dos habitantes locais, observa Halperin (2015). O período entre o fim do século XIX e início do século XX foi marcado por disputas imperiais que acabaram culminando na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Os impérios, visualizando seu fortalecimento, tomaram ações que posteriormente seriam fatais para a Palestina e para os palestinos. Foi o que ocorreu ao Império Otomano, que se encontrando economicamente fraco, passou por uma série de reformas no meio do século XIX. Conforme a historiadora, algumas dessas reformas deram aos europeus direitos para migrarem e estabelecerem instituições econômicas e religiosas na Palestina, com a esperança de que sua economia fosse impulsionada. Inicialmente, esse movimento foi mais influente para os cristãos europeus, mas também permitiu que judeus europeus imigrassem como cidadãos dos seus países europeus. O Império Otomano também centralizou e promulgou a reforma agrária visando coletar impostos de forma mais eficiente. Essas reformas resultaram em um cenário em que muitos pequenos proprietários rurais tiveram que vender suas terras para produtores maiores, pois não conseguiam mais sustentar as altas taxas impostas. Essa situação significou que aqueles que venderam as terras para os judeus não habitavam a terra que estavam vendendo²³.

²² Idem. p. 3-4

²³ Idem. p. 4



Halperin (2015) expõe que o Império Britânico, por sua vez, observando o fim do Império Otomano e desenvolvendo seu próprio plano para controlar partes do Oriente Médio, começou a fazer acordos com várias partes interessadas. Além de prometer ao Sharif Husayn de Mecca um Estado Árabe em troca de ajuda na revolta árabe contra os otomanos, e fazer arranjos de terras provisórios com a França, o império Britânico emitiu a famosa Declaração de Balfour, que anunciava suporte ao estabelecimento da nação judaica (*Jewish national home*) na Palestina²⁴.

A Grã-Bretanha teve o interesse voltado para questão judaica a partir de uma situação específica durante a Primeira Guerra Mundial, quando passou a controlar o canal de Suez, elevando o interesse estratégico na Palestina. [...] Naqueles anos, protestantes devotos ocupavam posições importantes no governo, em especial David Lloyd George (1863-1945), batista e simpático à causa sionista, então Primeiro Ministro, e Arthur Balfour (1848-1930), protestante pró-sionismo e Secretário de Relações Exteriores. (Wachholz; Reinke, 2020, p. 256)²⁵

Quando de fato os britânicos conquistaram a Palestina no final de 1917 e receberam um mandato da Liga das Nações, pois eles haviam incorporado o texto da Declaração de Balfour aos termos do mandato, o movimento sionista considerou o ocorrido como uma indicação de que eles estavam justificados em demandar suporte britânico para sua imigração e compra de terra, embora essa promessa tive sido vagamente formulada, observa Halperin (2015). Os britânicos compreendiam que essas permissões fomentaram oposições da população local, mas não fizeram muita coisa quanto a isso. Em 1939, os eventos que estavam ocorrendo na Europa colocaram esse apoio britânico sob grande pressão²⁶.

Por outro lado, a situação se complicou para os judeus em 1939, quando o governo britânico restringiu a imigração judaica para a Palestina a 75 mil indivíduos durante cinco anos, justamente quando Hitler abria Auschwitz. (Wachholz; Reinke, 2020, p. 256-7)

3. O imaginário protestante

De acordo com o historiador e teólogo André Reinke (2022), com o desenvolvimento do protestantismo, a interpretação bíblica se tornou plural. Através dela

²⁴ Idem. p. 4

²⁵ WACHHOLZ, Wilhelm; REINKE, André. “Pela paz de Jerusalém”. *A origem do sionismo cristão, sua influência na igreja protestante brasileira e sua atuação no Congresso Nacional*. p.253-273. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano XIII, n.37, Maio|Agosto de 2020 - ISSN 1983-2850

²⁶ HALPERIN, Liora. *Origins and Evolution of Zionism*. (2015). P. 4



era possível o contato quase que imediato do crente com Deus, pois o próprio espírito daria autenticidade às escrituras, sendo esta a revelação inerrante, verdadeira e inquestionável. Inevitavelmente, contudo, ela recebeu várias leituras diferentes, pois agora ela não era mais lida de um lugar único, mas a partir de diversas igrejas e de suas respectivas confissões. O termo *sola scriptura* rompe com a tradição católica e enfatiza a bíblia como autoridade e norma de fé exclusiva. A Reforma Protestante abriu espaço para que a Bíblia estivesse presente na alma da Europa, isto quer dizer que as traduções para os idiomas da população permitiram o surgimento de literaturas nacionais inspiradas pelas escrituras, como *O Peregrino* (1678, de John Bunyan). Aponta Reinke (2022) que a Bíblia passa a ser um texto clássico da cultura ocidental, e em complemento a ela, descobertas arqueológicas por volta dos séculos XVIII e XIX, no Oriente Próximo. Essas descobertas trouxeram para mais perto do cotidiano europeu e americano a cultura bíblica. Em adição, a Terra Santa ganhava mais o imaginário popular dos protestantes²⁷.

O autor Reinke (2022) nos descreve três características do protestantismo norte-americano que serão as bases para entendermos melhor a fixação de uma “paixão por Israel”. Elas são expressas em aquisição de uma base imaginária bíblica na cultura norte-americana; seguido por um caráter milenista do avivamentismo anglo-saxão; e por último o literalismo radical do fundamentalismo²⁸. A primeira sugere que no imaginário norte-americano, as treze-colônias, formadas por imigrantes pobres e fugitivos de perseguições religiosas católicas e protestantes (os peregrinos), se identificariam com as narrativas bíblicas, nas quais eles próprios estariam escapando da opressão de um império perverso e estariam conquistando sua terra prometida. Já a segunda característica trata do milenismo avivalista, e dentre suas teses o pré-milenismo surgiu carregando um olhar mais pessimista, no qual cenários de desastres naturais, guerras e apostasias são trazidas e tendem a convergir na aparição do anticristo, acompanhando a grande tribulação e culminando na volta de Cristo e início do milênio. O pré-milenismo ganhou força a partir do século XIX e sua variante, o dispensacionalismo, será muito importante para compreendermos melhor o sionismo evangélico. A terceira e última característica, expressa como fundamentalismo, se tornou a reação dos grupos protestantes

²⁷ REINKE, André. *Paixão por Israel: Aspectos da Judeofilia no protestantismo brasileiro e seus reflexos no cotidiano religioso do Brasil*. Tese (doutorado em Teologia) 2022. Faculdade EST, São Leopoldo. p. 205-207

²⁸ Idem. p. 207



conservadores contra os protestantes que aderiram às premissas liberais de crítica às escrituras, no século XIX. Observamos que a partir de 1910, uma coleção conservadora intitulada de *Os Fundamentos*, possuindo doze volumes, foi publicada objetivando a defesa dos fundamentos básicos da ortodoxia protestante²⁹.

Conforme Reinke (2022), foi ainda durante o século XIX que os princípios de Direito ao julgamento privado na interpretação das escrituras e inerrância bíblica foram cunhados. Ou seja, essas adesões hermenêuticas permitiram que qualquer pessoa analisasse um texto bíblico e chegasse a sua verdade, não estando “obrigatoriamente” enviesada. Essa leitura literalista, fruto da reforma, é uma das características da doutrina dispensacionista³⁰.

Em concordância com o historiador Reinke (2022), a origem do dispensacionalismo retoma ao contexto britânico do século XIX, onde o pregador John Nelson Darby (1800-1882) ganhou notoriedade. Ele expôs uma visão de mundo pessimista, onde as igrejas e a santidade estavam arruinadas, e por essa razão, a única esperança se concentrava no retorno de Cristo. Em função da “corrupção” da igreja, o conceito de *dispensação* vai surgir. Para o ministro, a igreja é celestial, pois sua existência está em Cristo, isto quer dizer que porque a igreja não é algo terreno, ela pode ser arrebatada, pois apenas pessoas celestiais poderiam se dar a este feito, uma vez que qualquer tipo de restauração só seria possível na eternidade, quando Deus reunir a igreja para si. Aponta Reinke (2022) que para Darby, havia ainda profecias que eram dirigidas ao Israel Terreno, e não à igreja. Conforme o historiador, estabeleceu-se então duas esperanças em sua teologia: a esperança celestial para a Igreja, e a terra para Israel, compartilhando o reino de Cristo em Jerusalém. Nasce a partir disso a doutrina do arrebatamento dos santos anteriormente à volta de Cristo. Em resumo, os verdadeiros crentes seriam elevados aos céus, juntamente com os santos ressuscitados, antes do início das tribulações descritas no livro de *Apocalipse*. A literalidade toma conta se tratando das promessas direcionadas aos israelitas, tais quais a ocupação da terra prometida, reconstrução do templo e reconhecimento do favorecimento do povo de Israel por parte de Deus. Contudo, tudo isso acontecerá somente após o arrependimento deste povo,

²⁹ Idem. p. 209-210

³⁰ Idem. p. 211



quando após a grande tribulação, reconhecerem Jesus como seu messias. Somente após o caos, Cristo retornará novamente, dando início ao reino milenar³¹.

O dispensacionalismo se expande pela Europa e América, e é especialmente nos Estados Unidos que ganha grande força e adesão. Sob o solo dos avivamentistas norte-americanos e das igrejas conservadoras, o paulatino sucesso da doutrina encontrou terra fértil, alinhando-se com as características do protestantismo estadunidense.

Sob a perspectiva do dispensacionalista americano Thomas Ice, as razões de crescimento para que a doutrina que ele defende se tornasse uma força dominante nos Estados Unidos são variadas. Primeiramente, ela cresceu porque muitos crentes estavam insatisfeitos com as visões dominantes da profecia do final do século XIX. O pós-milenismo era a perspectiva popular da escatologia, contudo, cada vez mais o rumo otimista dessa doutrina parecia estar desaparecendo, abrindo o caminho para que o pré-milenismo fornecesse uma explicação mais realista. Principalmente se tratando de um arrebatamento que poderia acontecer “a qualquer momento”, se opondo aos arrebatamentos agendados, e que por sua vez, sempre falharam. Outra razão é que o dispensacionalismo fornece explicações razoáveis do porquê, mesmo em um mundo maligno, Deus ainda poderia ser soberano. Segundo Ice, em vista de guerras civis, Primeira Grande Guerra, crescimento de favelas, imigração e aumento da criminalidade, ficou difícil para que os estadunidenses mantivessem seu otimismo. Outra razão se volta ao crescimento do liberalismo nas igrejas denominacionais, e o dispensacionalismo, por sua vez, providenciou respostas a esses ataques. Outras 3 motivações são descritas, mas não darei continuidade³².

Para o historiador Reinke (2022), o princípio do literalismo rígido da hermenêutica bíblica pode ser a primeira razão para o sucesso do dispensacionalismo. Esse literalismo foi fundamental, pois significou a defesa das escrituras, num momento em que sua autoridade estava sendo questionada pelo liberalismo teológico. A popularização da Bíblia foi fundamental para muitos conservadores, tirando a sua interpretação das mãos da alta crítica. A segunda razão gira em torno da conexão com o caráter milenista do avivamentismo com o dispensacionalismo. Essa ligação faz sentido quando a leitura bíblica realizada é literalista, como ocorre em Zacarias 14:17: “Se algum

³¹ Idem. p. 212-213

³² ICE, Thomas. *A history of Dispensationalism*. p. 35-36. (Livre tradução). Disponível em: deanbibleministries.org. Acesso em: 13. nov. 2024.



dos povos da terra não subir a Jerusalém, para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, esse povo ficará sem chuva”³³. Defensores dessas linhas milenistas entendem que Israel tem um papel importantíssimo escatologicamente, uma vez que a conversão deste povo (como já abordado anteriormente) na grande tribulação trará grandes bênçãos a todo o mundo. A terceira razão apontada por Reinke diz respeito ao imaginário manifesto na literatura, que especialmente nos anos de 1970 contribuiu significativamente para a expansão do dispensacionalismo e seu acolhimento no mundo inteiro³⁴. Em 1878, a primeira edição de *Jesus is coming* (Jesus está voltando), de William Eugene Blackstone era lançada. O livro vendeu por volta de 1 milhão de cópias e é o best-seller do autor, que também era identificado como um dos primeiros sionistas. Ele trabalhou constantemente para que os judeus retornassem à Palestina, se envolvendo politicamente e arrecadando fundos para a causa³⁵. Houve outras obras significativas, como a *Bíblia de Referência* de Cyrus Scofield, mas foi somente em 1970, especialmente com a obra de Tim LaHaye (1926-2016), pastor batista, que a doutrina dispensacionalista se tornou mais popular. Sua obra mais famosa é um romance literário chamado *Left Behind* (Deixados para trás), que teve doze livros, sendo seu primeiro publicado em 1995. Os livros tiveram tanto sucesso que ganharam adaptações para os cinemas, compondo cinco filmes. O dispensacionalismo atua basicamente no imaginário cotidiano, como foi o caso dos ataques de 11 de setembro de 2001, apontando para o ocorrido como o cumprimento das profecias divinas, aponta Reinke³⁶.

Conforme Reinke, é no imaginário coletivo e corriqueiro que a Guerra dos Seis dias (1967)³⁷ ganhou notoriedade e consequente acolhimento dos norte-americanos cristãos conservadores na causa sionista. A vitória militar israelense significou legitimação das narrativas bíblicas para os cristãos, para consolidar sua escatologia. Por

³³ Bíblia Nova Almeida Atualizada, 2017. Sociedade Bíblica do Brasil.

³⁴ REINKE, André. *Paixão por Israel: Aspectos da Judeofilia no protestantismo brasileiro e seus reflexos no cotidiano religioso do Brasil*. Tese (doutorado em Teologia) 2022. p. 215

³⁵ ICE, Thomas. *A history of Dispensationalism*. p. 34-35. (Livre tradução). Disponível em: deanbibleministries.org. Acesso em: 13. nov. 2024.

³⁶ REINKE, André. *Paixão por Israel: Aspectos da Judeofilia no protestantismo brasileiro e seus reflexos no cotidiano religioso do Brasil*. Tese (doutorado em Teologia) 2022. p. 216

³⁷ Conflito entre Israel e Egito, Jordânia e Síria (países árabes), na qual resultou em consequências políticas e territoriais, aumentando a expansão territorial de Israel, mas também aumentando o conflito com os palestinos.



outro lado, o Estado de Israel também se beneficiou dessa visão ficcional, uma vez que tem recebido constante apoio dos dispensacionalistas para suas ações políticas.³⁸

4. Sionismo cristão nos EUA

De acordo com as professoras e sociólogas Maria Machado e Cecília Mariz, elas apontam que o sionismo cristão é o resultado de diversas ações voltadas para a defesa do Estado de Israel, praticada por setores evangélicos. É uma forma de ativismo da causa dos judeus, compreendida pelos evangélicos dessa maneira. As suas formas de atuação podem ser muitas e elas foram sofrendo alterações ao longo do tempo e do contexto inserido. Elas transitam entre ajuda financeira para retornar à Terra Santa e atuações políticas governamentais nacionais, defendendo os interesses de Israel³⁹.

Machado e Mariz apontam que o sionismo cristão tem origem anglo-saxônica e foi se alastrando globalmente e nessa trajetória, ele se reconfigura em função de mudanças histórico-políticas e teológicas ocorridas entre os séculos XIX a XXI. Conforme Machado et al. (2023), o sionismo cristão e a direita cristã começaram a se desenvolver nos Estados Unidos, por volta de 1970, sendo essa formação uma reação às transformações políticas, econômicas e sócias da sociedade na época, gerando insegurança nos setores mais conservadores do cristianismo. A partir desse movimento, duas decisões jurídicas foram tomadas, e são tidas por pesquisadores como propulsores do movimento que deu origem a direita cristã. Apontam as pesquisadoras Machado et al. (2023), que essas decisões estão relacionadas ao tema da segregação racial e da privacidade da mulher em caso de aborto, este último criando precedentes para legalização do aborto. Essa retórica antiabortiva foi adotada por pastores como estratégia de mobilização para ampliar a força política dos *evangelicals*. Com isso, esses evangélicos cristão adicionaram a sua agenda um discurso voltado para valores da família e da moralidade sexual, projetando-se politicamente a partir disso, com grande potencial de atuação e mobilização, apontam as sociólogas⁴⁰.

³⁸ REINKE, André. Paixão por Israel: Aspectos da Judeofilia no protestantismo brasileiro e seus reflexos no cotidiano religioso do Brasil. Tese (doutorado em Teologia) 2022. p. 217

³⁹ MACHADO, M. D. C.; MARIZ, Cecília L. O sionismo cristão no Brasil do século XXI e os interesses em jogo. *Ciencias Sociales y Religión*, [s. l.], v. 25, n. 00, 2023. DOI 10.20396/csr.v25i00.8673504. Disponível em: <https://research.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=58ad6f91-0c6a-3258-b0fc-c20c19f1b07e>. Acesso em: 11 jul. 2025.

⁴⁰ MACHADO, M. D. C.; MARIZ, C. L.; CARRANZA, B. *Articulações político-religiosas entre Brasil-USA: direita e sionismo cristãos*; Vol. 23 (2021): Continuous Publication; e021021; *Ciencias Sociales y Religión*, [s. l.], 2021. DOI 10.20396/csr.v23i00.15119. Disponível em:



Deste processo surge o movimento chamado Maioria Moral, liderada pelo pastor batista Jerry Fawell. Cerca de um ano depois, do movimento já faziam parte milhares de membros, entre eles os evangélicos, católicos e judeus, observa Machado et al. No discurso da Maioria Moral, cabia aos cristãos e judeus guerrearem contra a cultura liberal, nessa linha, os temas sobre defesa de Israel e da família se articularam, aproximando esses dois grupos religiosos que integravam o neoconservadorismo econômico. Para Machado et al., o ativismo sionista dos *evangelicals* era pragmático e se intensificou a partir deste ponto. Sua percepção do sionismo estava associada a política nivelada aos interesses do Estado de Israel que seriam vantajosos politicamente e economicamente para os EUA⁴¹.

Conforme as autoras, outros setores conservadores religiosos nos EUA que apoiaram os sionistas tinham seu posicionamento baseado na leitura bíblica que focava na origem judaica de Jesus, sugerindo que o fortalecimento do Estado de Israel é central no propósito redentor de Deus, ou seja, é decorrente de uma visão escatológica. As autoras apontam que a Maioria Moral encontra dificuldade por conta de escândalos financeiros envolvendo suas lideranças, e por essa razão suas atividades de encerram em 1988. Contudo, o famoso pastor batista e televangelista Pat Robertson ganha notoriedade e se torna influencia no meio cristão. Robertson era pré-milenista, carismático pentecostal e mobilizava setores cristão para participarem politicamente da defesa do Partido Republicano. Ele se destacou por desenvolver várias ações pró-Israel, e acumulava receita para organizações e projetos sionistas durante 1980 e 1990. Em função desse mesmo ativismo, recebeu diversos prêmios e homenagens. A Coalização Cristã, criada por ele para estruturar apoios políticos, se espalhou pelo Caribe e América do Sul levando a agenda de apoio às iniciativas sionistas⁴².

Em concordância com Machado et al. (2021), outros grupos e expoentes também se alinharam a defesa dos judeus, como o apóstolo Chuck Pierce, fundados da Global Sheres e do Ministério Glory of Zion International, tendo como objetivo conectar pessoas de todas as nações e raças, refletindo a mutualidade entre judeus e gentios. Esses grupos de mobilização cristã política legitimavam (legitimam) religiosamente a guerra entre EUA e Iraque de 2004, e legitimar hoje a guerra entre Israel e Palestina. Suas

<https://research.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=85950b5e-8c69-3835-bf95-63e8ffad0ccc>. Acesso em: 11 jul. 2025. P. 6

⁴¹ Ibid. p. 6

⁴² Ibid. p. 7-8



argumentações bíblicas defendem ocupações militares e genocídio em massa. Essas intervenções públicas de líderes cristãos aliados a política foram e ainda são essenciais para fortalecer os Partidos Republicanos, conectando o eleitor as políticas externas⁴³.

A pesquisadora Magali Cunha nos descreve que para a direita evangélica no Brasil, o Estado de Israel tem uma força protetora. Em suas palavras:

Já o Estado de Israel é visto como um muro, uma barreira defensiva contra as ameaças do Leste (uma conspiração gay-feminista-islâmica-comunista) para conquistar o Oeste. Isso é a configuração de um judeu e um Israel imaginários. (2024, p.122)

Conforme Cunha (2024), um dos principais símbolos ultraconservadores são os judeus e o Estado de Israel, fazendo-se entender que neste grupo não há espaço para secularidade, portanto, neste imaginário conservador não há judeus de esquerda, liberais ou ateus, caso contrário não são verdadeiros judeus. A presença da bandeira israelense como símbolo para os evangélicos conservadores não representa a história do povo, mas uma perspectiva que se pretende defender⁴⁴. De acordo com Cunha (2024), algumas delas podem ser descritas como defesas radicais das agendas pró-vida e pró-família, se colocando contra os direitos reprodutivos e sexuais. A utilização do pânico moral é instalada, fazendo uso de supostas ameaças, como a chamada “ideologia de gênero”, que atuaria através da educação sexual nas escolas. Outro ponto trazido pelo grupo é o apoio ao uso de armas como autodefesa, como interpretação ideológica bíblica de um discurso de pacificação em oposição à guerra. Também é sustentado o perigo iminente do comunismo e marxismo, que tentam destruir a família, Deus e as igrejas⁴⁵.

5. Sionismo cristão brasileiro

Segundo os teólogos Wilhelm Wachholz e André Reinke (2020), o protestantismo brasileiro não é singular e fruto de uma só influência, pelo contrário, ao longo dos séculos, o Brasil viveu diferentes fases oriundas de distintos influenciadores externos. Em uma breve narrativa, a gênese protestante começa em 1810, com os anglicanos aportando em terras brasileiras, seguidos dos alemães luteranos em 1824, este grupo fica conhecido

⁴³ Ibid. 8-9

⁴⁴ CUNHA, Magali. *Anos inquietantes: o processo de consolidação da direita evangélica no Brasil nas primeiras décadas do século XXI*. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner. L. (Org.) *A salvação da pátria amada: religião e extrema-direita no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2024. p.122-123

⁴⁵ Idem. p. 123.



como protestantismo de imigração. O segundo grupo tem origem norte-americana, e é uma união de denominações históricas (batistas, presbiterianos, metodista e episcopais) com o objetivo de evangelizar outras nações, ficando assim conhecido o protestantismo missionário. O terceiro grupo, denominado de pentecostalismo, possui três diferentes fases (três ondas). A primeira iniciou-se em 1910, com Daniel Berg e Gunnar Vingren, representando os Estados Unidos, organizando a primeira Assembleia de Deus, e logo depois, a Congregação Cristã também fincou suas bases. Essas duas igrejas formaram a primeira onda. A segunda inicia após 1950 com igrejas mais carismáticas, como a Quadrangular, que veio da Califórnia (USA) e a igreja Deus é Amor. A Terceira Onda é da década de 1970 e seus principais destaques são A Igreja Universal do Poder de Deus e Igreja Internacional da Graça de Deus, marcando o neopentecostalismo no Brasil⁴⁶.

É certo apontar que o protestantismo brasileiro mais pentecostalizado tem seu núcleo nos Estados Unidos, e essa ligação, de acordo com Reinke e Wachholz (2020), representou a transferência e a permanência das características contidas nas estruturas desse pentecostalismo despejado no Brasil. Características essas que carregam a hermenêutica fundamentalista e a doutrina dispensacionalista, ganhando destaque novamente com as obras de LaHaye, como citado já anteriormente. A escatologia dispensacionalista, portanto, também cunhou seu lugar de destaque e acolhimento entre os evangélicos brasileiros, e o sionismo foi apenas uma consequência⁴⁷. Em um trabalho de genealogia do sionismo evangélico no Brasil, as pesquisadoras Maria das Dores Machado, Cecília Mariz e Brenda Carranza, fazem um minucioso trabalho, destacando as fases do movimento, seus tipos, suas respectivas articulações internas e desenvolvimento até a atualidade.

Conforme as autoras Machado, Mariz e Carranza (2022), um pouco após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), A obra *Maranata ou Senhor vem*, vinha a ser publicada por Alfredo Borges Teixeira, pastor e professor no Seminário da Igreja Presbiteriana Independente Brasileira, em 1920. Recebendo diretas influências da Declaração de Balfour (1917), Revolução Bolchevista (1917) e Liga das Nações (1919), suas narrativas descrevem uma necessidade de retorno dos judeus à região da Palestina, para restauração de sua pátria e ser um modelo para as outras nações. Como observamos

⁴⁶ WACHHOLZ, Wilhelm; REINKE, André. “Pela paz de Jerusalém”. *A origem do sionismo cristão, sua influência na igreja protestante brasileira e sua atuação no Congresso Nacional*. p. 263.

⁴⁷ Idem. 264.



no parágrafo anterior, a segunda onda do pentecostalismo chega ao Brasil por volta de 1950, com o trabalho missionário das igrejas norte-americanas, missionários esses que adotaram uma perspectiva dispensacionalista. É o caso do casal de missionários batistas norte-americanos Thomas Larry e Linda Jean McCoy Gilmer que estimularam as lideranças locais para a criação do grupo Amigos de Sião, o qual dá origem a Associação Internacional das Missões Israelitas, existente até hoje. Conforme as autoras (2022), em 1976, o pastor da Igreja Batista de Vitória da Conquista (BA), Gerson Rocha, publicou o livreto *Sionismo não é racismo*, em reação à Moção da ONU de 1975, que associava o sionismo ao racismo. Esse livreto significou mais um movimento de apoio aos judeus, assim como a série *Escatologia em Debates*, escrita pelo reverendo Synésio Atiliano Pereira Lyra e publicada pela editora da Convenção Batista Brasileira, a Junta de Educação Religiosa e Publicações, em 1977⁴⁸.

Machado et al. (2022), apontam que Synésio Lyra lança o livro *O Sionismo - Análise à Luz de Sião, Cidade do Grande Rei*, em 1975, que tem por objetivo criticar a associação do sionismo com o racismo. Em resumo, o reverendo critica a ação da ONU em favorecer a federação de grupos árabes (OLP) em detrimento dos judeus. O posicionamento sionista foi ganhando cada vez mais engajamento em outros segmentos evangélicos. Em 1978, a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), publica o livro intitulado "Israel, Gogue e o Anticristo", escrito por Abraão Almeida, também em reação à resolução da ONU. O conteúdo expõe que o exílio e as perseguições sofridas pelos judeus ao longo dos anos são apenas resultado de suas ações, especialmente por terem matado o filho de Deus, buscando nos fatos históricos justificativas que comprovem profecias bíblicas. Ou seja, mais do que uma defesa política (é bem menos política do que as mencionadas anteriormente), Abraão Almeida faz uso das narrativas históricas para justificar as perseguições e cumprimento das profecias do fim dos tempos, revelando o papel de Israel para a igreja, observam as autoras. Em 1978, a *Obra Missionária Chamada da Meia Noite*, de caráter interdenominacional tem sua sede no Rio Grande do Sul, e passa a propagar ideias dispensacionalistas no país, lançando a revista *Notícias de Israel*, que circulou até 2016, e até hoje a Obra realiza

48 MACHADO, M. D. C.; MARIZ, C. L.; CARRANZA, B. Genealogia do sionismo evangélico no Brasil. *Religião & Sociedade*, v. 42, n. 2, p. 225-248, maio 2022. <https://doi.org/10.1590/0100-85872022v42n2cap10>. p. 228-231.



turismos em Israel. O perfil que se assumiu nos últimos anos, de carácter bem político, está ligado à Nova Reforma Apostólica dos EUA⁴⁹.

Machado et al. (2022) apontam que é no final dos anos de 1980, com a redemocratização que a atuação evangélica alcança a política, com a denominada “bancada evangélica”. O objetivo desse grupo era colocar ênfase nos valores morais, rejeitando a moral mundana contemporânea, que era tida como do fim dos tempos. À época, a maioria dos evangélicos carregava um discurso voltado para a iminente parusia, esse discurso muda por volta de 1980-1990, quando a visão apocalíptica é enfraquecida, e a pregação voltada para a vida presente ganha espaço. Temáticas de prosperidade, libertação e cura foram mais expostas aos novos convertidos, deixando para trás temas escatológicos. Podemos destacar neste processo a Igreja Universal do Reino de Deus, neopentecostal, do fim da década de 1970. Nesta época, valorizava-se demasiadamente as batalhas espirituais e a prosperidade, e nada se dizia sobre a criação do Estado de Israel nesse processo. Contudo, ao longo de sua história, a IURD passa a valorizar Israel e ter práticas chamadas filossemitas, incorporando elementos simbólicos e rituais da estética judaica na prática religiosa da igreja. O apego e a valorização de Israel reforçam um imaginário pró-unidade. Nem todos os filossemitas são sionistas, uma vez que não se engajam em causas políticas em favor do moderno Estado de Israel. Observa-se o aumento de caravanas para a Terra Santa, se tornando até mesmo fonte de renda com agência de viagem especializada⁵⁰.

As autoras apontam René Terra Nova, Silas Malafaia e Valnice Milhomens entre os líderes evangélicos que levaram grande número de fiéis às terras de Israel nos anos de 1990. Eles apontavam seu amor a Israel despertado após as visitas. A Igreja Universal expôs seu interesse por Israel para além de caravanas, pois em 1999 ela inaugurou a construção da miniatura da cidade de Israel, e em 2015, ela construiu o Templo de Salomão, na sede em São Paulo. A IURD expressa a promessa divina em abençoar todos aqueles que apoiam Israel, se distanciando do apoio político, por essa razão, é importante destacar que o discurso apocalíptico, tal qual é realizado pela Igreja Universal, se entrelaça com a ideia de prosperidade e ser abençoado por Deus. Contudo, há outras igrejas que estão alinhadas com os interesses políticos do atual Estado de Israel,

⁴⁹ Idem. p. 232-236

⁵⁰ Idem. p. 236-237



principalmente aqueles cujos líderes estão vinculados à Nova Reforma Apostólica (*New Apostolical Reformation*), nessa teologia afirma-se a Segunda Vinda de Cristo submetida a implantação do Reino de Deus agora⁵¹.

Caminhando para um contexto mais atual, Machado et al. (2022) observam que na virada do século XX para XXI, surge uma teologia de dominação cristã no mundo. A chamada Teologia do Domínio se destaca entre grupos religiosos que buscam um espaço e atuação mais políticos, sendo o caso das igrejas renovadas, como a Igreja Batista da Lagoinha. A teologia do domínio busca legitimar sua fé através de missões, mas também fazendo uso da força política, pois assim se implantaria o “Reino dos justos”. Embora haja fatores brasileiros internos que expliquem os evangélicos na política, a influência norte-americana política religiosa teve muito a acrescentar. As autoras apontam que é justamente por meio da articulação da *New Apostolical Reformation* (NAR) que lideranças brasileiras receberam essa nova visão de mundo e de evangelho. Figuras conhecidas como Ana Paula Valadão e Milhomens receberam educação dos seminários teológicos norte-americanos com foco na reforma apostólica. René Terra Nova, Márcio Valadão e Valnice foram alguns dos famosos religiosos que se tornaram líderes da NAR, no ano de 2001. Esse movimento traz o uso de práticas judaicas para suas tradições e atividades religiosas, e observa-se o forte filossemismo entre seus apóstolos, alguns até mesmo sendo ativistas políticos em favor da causa sionista⁵².

Outra questão trazida pelas autoras é a análise do discurso das pregações com conteúdo sionista e neopentecostais. O resultado dessa soma é uma ênfase na prosperidade de Israel, e igualmente na vida daqueles que a abençoam, e talvez aí habite a principal diferença entre o sionismo cristão brasileiro e o estadunidense, que por sua vez, foca no fim do mundo. Uma teologia que aborda o fim dos tempos não condiz com quem quer prosperar ainda nesta vida, e também talvez por essa razão, as igrejas brasileiras estejam se multiplicando, em oposição ao que ocorre nos USA⁵³.

E por fim, argumentam as autoras que a recente aproximação da direita cristã americana ao governo foi possível, pois há lideranças neopentecostais ocupando posições parlamentares. O alinhamento entre o Governo Trump ao Estado de Israel, expressa antes de mais nada, força política em todos os sentidos, estimulando cada vez mais o sionismo

⁵¹ Idem. p. 238-239

⁵² Idem. p. 240-241

⁵³ Idem. p. 242



religioso na sociedade. Bolsonaro, na época de seu mandato, também demonstrou interesse em aproximar-se ao Estado de Israel, tendo por ferrenhos apoiadores famosos líderes religiosos, como Silas Malafaia e André Valadão, filho de Márcio Valadão que, por sua vez, também demonstrou apoio político⁵⁴.

Os setores evangélicos nacionais apropriam-se das ideias de forma diferenciada e tentam conquistar a simpatia das autoridades israelenses para facilitar suas incursões turísticas na Terra Santa e conseguir que suas missões possam ser frutíferas no Oriente Médio, mas o nível de maturação do sionismo cristão brasileiro encontra-se ainda bem defasado do norte-americano. (Machado, M. 2022, p. 245)

Considerações finais

O presente estudo analisou o apoio dos evangélicos brasileiros ao sionismo, destacando as conexões entre elementos históricos, teológicos e políticos que sustentam essa relação. O sionismo, inicialmente um movimento nacionalista judeu em resposta ao antissemitismo e à diáspora, evoluiu para um fenômeno global, incluindo interpretações cristãs que associam a restauração de Israel às profecias bíblicas. Influências como o dispensacionalismo, surgido no século XIX, moldaram a visão cristã sobre Israel, reforçando sua centralidade em narrativas escatológicas. No Brasil, o protestantismo missionário e o pentecostalismo incorporaram essas perspectivas, adaptando-as ao contexto religioso local.

O sionismo cristão brasileiro, em especial, reflete características próprias. Enquanto nos Estados Unidos prevalece o foco escatológico, no Brasil, o apoio a Israel está frequentemente vinculado à teologia da prosperidade e ao imaginário de bênçãos divinas para aqueles que favorecem a nação judaica. Práticas filossemitas, como o uso de símbolos judaicos em rituais e a promoção de caravanas à Terra Santa, destacam-se em igrejas neopentecostais, com exemplos notáveis como o Templo de Salomão, construído pela Igreja Universal do Reino de Deus.

Assim, o apoio evangélico brasileiro ao sionismo combina elementos históricos e religiosos com adaptações culturais e sociais. Embora inspirado pelo modelo norte-americano, ele se diferencia ao priorizar a prosperidade e a valorização de Israel como

⁵⁴ Idem. p. 239, 243, 245



um símbolo espiritual e político, revelando um movimento em constante evolução e com impactos significativos tanto na esfera religiosa quanto na política nacional.

Referências Bibliográficas

ARÊNDT, Hannah. *Essays in understanding 1930-1954: formation, exile and totalitarianism*. 1st ed. New York: Harcourt, Brace & Co., 1994.

ARÊNDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. Companhia de Bolso. 2013

BUDNITSKII, Oleg. "Jews, Pogroms, and the White Movement: A Historiographical Critique." *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*, vol. 2 no. 4, 2001, p. 1-23. *Project MUSE*, <https://dx.doi.org/10.1353/kri.2008.0017>.

CUNHA, Magali. Anos inquietantes: o processo de consolidação da direita evangélica no Brasil nas primeiras décadas do século XXI. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner L. (Org.). *A salvação da pátria amada: religião e extrema-direita no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2024.

HALPERIN, Liora. *Origins and evolution of Zionism*. Foreign Policy Research Institute, Philadelphia, PA, Jan. 2015.

HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. Disponível em: <https://www.inlivros.net>. Acesso em: 6 nov. 2024.

ICE, Thomas. *A history of Dispensationalism*. Disponível em: <https://deanbibleministries.org>. Acesso em: 13 nov. 2024.

MACHADO, M. das D. C.; MARIZ, C. L.; Articulações político-religiosas entre Brasil-USA: direita e sionismo cristãos; Articulaciones político-religiosas entre Brasil-USA: derecha y sionismo cristianos; Political-religious articulations between Brazil-USA: christian right and christian zionism. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*; Vol. 23 (2021): Continuous Publication; e021021; *Ciencias Sociales y Religión*, [s. l.], 2021. DOI 10.20396/csr.v23i00.15119. Disponível em: <https://research.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=85950b5e-8c69-3835-bf95-63e8ffad0ccc>. Acesso em: 11 jul. 2025.

MACHADO, Maria das Dores; MARIZ, Cecília; CARRANZA, Brenda. Genealogia do sionismo evangélico no Brasil. *Religião & Sociedade*, v. 42, n. 2, p. 225–248, maio 2022. DOI: 10.1590/0100-85872022v42n2cap10.

MARIA DAS DORES CAMPOS MACHADO; CECÍLIA LORETO MARIZ. O sionismo cristão no Brasil do século XXI e os interesses em jogo. *Ciencias Sociales y Religión*, [s. l.], v. 25, n. 00, 2023. DOI 10.20396/csr.v25i00.8673504. Disponível em: <https://research.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=58ad6f91-0c6a-3258-b0fc-c20c19f1b07e>. Acesso em: 11 jul. 2025.



REINKE, André. *Paixão por Israel: aspectos da judeofilia no protestantismo brasileiro e seus reflexos no cotidiano religioso do Brasil*. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdade EST, São Leopoldo, 2022.

SAND, Shlomo. *A invenção do povo Judeu*. Benvirá, Tel-Aviv, 2008

VIEIRA, Fábio. O antissemitismo em uma breve perspectiva histórica: de Roma ao nazismo. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, nov. 2019.

WACHHOLZ, Wilhelm; REINKE, André. Pela paz de Jerusalém: a origem do sionismo cristão, sua influência na igreja protestante brasileira e sua atuação no Congresso Nacional. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, Ano XIII, n. 37, p. 253-273, 2020.